
Dos olhares sobre as memórias e novas construções de vida

Memórias de uma feminista.

PELLETIER, Madeleine.

Florianópolis: Mulheres, 2005. 80 p.

Nascida em 1874 em Paris, Madeleine Pelletier foi uma feminista bastante singular. Ainda criança, perdeu seu pai e foi criada com muita dificuldade por sua mãe. A primeira mulher francesa a passar nos exames para se tornar psiquiatra, Madeleine sempre lutou pela igualdade junto aos homens em tempos em que a mulher era tida, sem mais problemas, como um simples objeto de adorno. Pioneira na luta pelo aborto, não deixou de executar tal prática ainda que tenha sido repreendida diversas vezes, até ser internada em um asilo, onde morreu sozinha.

Zahidé Lupinacci Muzart, organizadora da publicação, contou com a ajuda de outras importantes estudiosas do feminismo para trazer ao público uma obra até então inédita, de uma autora que, ainda hoje, é muito pouco conhecida no Brasil. A própria organizadora só tomou conhecimento a partir dos estudos de Joan W. Scott, uma das principais teóricas da história do gênero, responsável também pelo prefácio desta obra. A tradução foi feita por Paula Berinson, a partir de um manuscrito copiado de microfilme por Joana Maria Pedro, que faz a apresentação do livro, diretamente do arquivo da *Bibliothèque Historique de la Ville de Paris*.

Na mesma época em que escreveu as *Memórias*, Madeleine publicou um romance autobiográfico, porém escrito como ficção, intitulado *La femme vierge*. Essa outra obra tinha

um outro tom, era mais explícita ao tratar dos seus conflitos internos e da influência de certos fatos e experiências na sua forma de pensar. No entanto, ainda que este outro lado, até então inédito, trate principalmente dos acontecimentos na “vida pública” de Madeleine Pelletier, esta obra traz detalhes fundamentais, em sua composição, que não só expõem a vida da autora propriamente dita, mas também *suas memórias*, no sentido mais parcial e pessoal do termo.

As *memórias* são a introdução à vida de Madeleine, sob a perspectiva de um momento muito particular. Já ao final de sua vida, faz uma espécie de retrospectiva de suas práticas e atividades ligadas aos movimentos políticos e à sua luta pela emancipação das mulheres, a partir de uma hierarquia de fatos re-construídos em uma cronologia um tanto diferente dos registros de que se tem conhecimento. É nesse sentido, principalmente, que o texto ganha um enorme valor biográfico, na medida em que faz transparecer os conflitos, os ideais e os valores da autora.

Dra. Pelletier, como gostava de ser chamada, teve contato com muitos dos diferentes grupos políticos da época. A partir dessa proximidade conseguiu tecer críticas bastante pertinentes aos diversos movimentos. Criticando os comunistas principalmente pelo seu antifeminismo, dizia: “[...] o partido é tudo menos feminista, sinto-o nas sessões. As poucas mulheres que figuram nas reuniões só lá estão porque acompanham um homem” (p. 64). Ainda sobre as mulheres que freqüentavam o partido socialista, dizia que todas ainda estavam, de algum modo, muito presas a certos costumes e comportamentos exigidos da mulher na época, e isso se via, principalmente, na forma de se vestirem. Não era incomum para elas andarem inteiramente cobertas, inclusive suas faces, que pouco transpareciam através de véus.

Já entre os anarquistas o seu maior problema era com relação às críticas que recebia. Seu comportamento não era muito bem compreendido por eles. Mas, ainda que tivesse, por esse motivo, algum distanciamento, pôde perceber através de seus discursos que, por mais que fossem anti-clericais, eram ainda permeados por uma forte religiosidade. A revolução de que falavam “[...] tinha algo de místico [...]”. No fundo, ainda que Louise Michel se dissesse atéia, a revolução era, para ela, uma espécie de justiça divina” (p. 35), e assim o era para a maioria dos anarquistas.

Dentro do movimento feminista, especificamente, Madeleine encontrou uma atmosfera de *mexericos*, palavras da própria. Apontava, ainda, que em alguns momentos as reuniões mais pareciam encontros de velhas senhoras que, sem ter mais o que fazer, freqüentavam reuniões feministas, da mesma forma que freqüentavam cursos na universidade, apenas para passar o tempo. Era bastante repreendida pelo movimento feminista toda vez que pensava em atitudes mais drásticas, e poucos aceitavam o fato de ela se vestir como homem, ainda que só o fizesse em ocasiões determinadas, já que tinha medo de, em seu consultório, perder os seus poucos pacientes.

No entanto, parecia ter adotado o figurino nem tanto para questionar as estéticas impostas ao corpo feminino, ou por causa de sua preferência sexual, já que dizia não ter inclinação sexual alguma, mas muito mais para ser um homem, pois só os homens eram detentores de

direitos. Seria, dessa forma, uma igual. Questionava todas as feministas que se importavam com o seu corpo e considerava o corpo feminino quase como um fardo. Colocava toda a culpa de seus sofrimentos em ser pobre e ser mulher: “[...] tenho a infelicidade de ser mulher e, além disso, não tenho um tostão” (p. 41).

Embora tenha trazido grandes conquistas às mulheres, ao que me parece, Madeleine Pelletier confundia seu desgosto pessoal com o mundo com a luta pela liberação delas. É lógico que não se pode ignorar que Madeleine se colocava à frente de seu tempo quando batia, por exemplo, com a questão da proibição do aborto. E ainda que os motivos não fossem talvez os mais coerentes, a ruptura com os valores vigentes, a partir da estética que adotara, não pode ser deixada de lado.

Os conflitos e contradições fazem parte da história de todo movimento e de cada uma das pessoas que os compõem. Conhecer as trajetórias percorridas e as experiências vividas é fundamental para que se possam inventar novos percursos e para que os movimentos não se tornem estagnados. A história da luta das mulheres contra o assujeitamento é única, mas não homogênea, e é sempre interessante, e importante, conhecer as suas diversas faces.

Eliane Knorr ■
Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo